

À flor da pele: narrativas híbridas, cotidiano e comunicação

José Salvador Faro

Doutor

Universidade Metodista de São Paulo e Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo

jsfaro@jsfaro.net

Resumo

A experiência cotidiana é um espaço de apreensão da realidade e tem como fundamento a configuração do universo mítico e estereotipado do indivíduo, elementos com os quais são construídas suas percepções do mundo. Este artigo procura mostrar como os padrões culturais da modernidade tardia se instituem num conjunto que conforma a existência sensível e dá a ela, ao mesmo tempo, elementos de racionalidade instrumental com a qual o ser social lê e interpreta aquilo que o cerca. O foco da análise é sustentado pela hipótese de que essa perspectiva se reproduz a partir de seu próprio imediatismo – responsável por uma lógica imanente que dirige e orienta sua conduta. As práticas da comunicação são, portanto, instrumentos construtores desse universo sob uma perspectiva híbrida: a da informação e a da reiteração desse processo cultural.

Palavras-chave

Narrativas, cotidiano, comunicação.

1 O problema

A frase com a qual Agnes Heller abre a principal de suas obras é uma dessas sentenças que adquire o estatuto de um aforismo não apenas por seu brilho retórico e poder de síntese, mas por sua pertinência com aquilo que observamos na imediaticidade do mundo real e também em razão do que nos é dado comprovar pela reflexão acadêmica, a empírica e a teórica. “A vida cotidiana é a vida de todo homem”, diz a autora húngara, aluna predileta de Georg Lukács, posteriormente sua assistente. Apesar da eloquência, ainda assim o ditado

de Heller tem um duplo sentido, não apenas em razão de uma suposta provocação intelectual da autora, mas provavelmente também por conta da complexidade da própria vida cotidiana: ela é mesmo a vida de todo homem porque “todos a vivem, sem nenhuma exceção” e ainda porque “ninguém consegue identificar-se com sua atividade (...) a ponto de desligar-se inteiramente da cotidianidade” (HELLER, 2008).

O dia-a-dia, portanto, povoa nossa relação com o mundo e interfere fortemente na leitura que fazemos de tudo quanto cerca a existência. É nesse espaço imediato em que se confina o cotidiano que a história da cultura demonstra a presença dos processos lógicos e míticos com os quais as informações que preenchem o universo comunicacional tornam-se sensíveis à observação e à compreensão. Os processos lógicos seriam aqueles que se conformam na sua imediaticidade; esgotam a sua presença e a sua força na resposta que oferecem a problemas que demandam soluções ou respostas pragmáticas. Os processos míticos, ainda que também integrem a vida cotidiana, se estruturam sobre aquilo que a mesma Agnes Heller aponta como a dimensão “humano-genérica” da existência, um jogo que remete a paradoxos situados no território dos arquétipos.

Esses dois processos, parecendo guardar entre si pesos distintos no papel que desempenham na relação com a existência concreta, são na verdade dois campos simultâneos do sensível que atuam com igual impacto na configuração dos modos intermitentes de mediação da cultura, de tal forma que é possível afirmar que sem eles – hipótese desprovida de qualquer sentido, usada aqui apenas como artifício de argumentação – a informação fica inteiramente esvaziada de seu significado. Para Luiz Gonzaga Motta, que toma como exemplo dessa dinâmica a natureza estrutural da produção jornalística, “o hábito de consumir notícias proporciona as reiteraões simbólicas necessárias à sedimentação de conteúdos que são contados e recontados diariamente”. No entanto, segundo o autor, isso ocorre no âmbito de um espaço aberto,

de sentidos inacabados que convidam o leitor a completar cooperativamente a sua significação, como na literatura. Mesmo aquelas notícias de significação restrita, mesmo aquelas que conseguem ser mais ‘objetivas’ e conseguem despir-se de toda a fabulação, se consideradas como fragmentos de um conjunto maior de notícias, podem adquirir um sentido narrativo e, portanto, mítico, estimulando a fantasia, a imaginação, os desejos e as utopias dos leitores, ouvintes ou telespectadores. As notícias são pré-configuradas por categorias mitológicas e estão presas, como a literatura, por matrizes mitológicas que as conformam (MOTTA, 2002).

Motta conclui assim que as notícias

são um sistema simbólico singular porque nelas se misturam realidades e fantasias, nelas se confundem o real e o imaginário. (...) Realidade e fantasia se confundem nas notícias (...) onde lógos e mythos convivem contraditoriamente (MOTTA, 2002).

Nesse sentido, portanto, não é apenas o contexto do cotidiano que é híbrido, como quer Clifford Geertz (1989); híbrida é também a narrativa porque ela se refere a dois espaços simultâneos da percepção: o primeiro é o que diz respeito à informação propriamente dita, dotado de uma forte carga de objetividade cujo apelo e resposta remetem a essa estrutura lógica da cognição; o segundo é o que se refere à identidade imaterial no plano simbólico, componente que diz respeito àquela dupla possibilidade da vida cotidiana de que fala Heller na citação feita logo no primeiro parágrafo deste artigo.

2 A discussão

Portanto, quais os ingredientes do processo da comunicação que integram a narrativa e que operam no sentido da sua eficácia simbólica, isto é, que reúnem elementos cuja identificação resulta de uma possível simetria entre os dados concretos da história narrada (uma notícia, um anúncio) e o quadro cultural mais amplo, esse terreno ancestral e antropológico em que se movimenta o indivíduo? A resposta remete a uma discussão ampla porque os componentes do cotidiano são diversos e de difícil apreensão no processo de circulação das mensagens. Invariavelmente, seu formato assume o feitio daquilo que Adelmo Genro Filho, no estudo que faz sobre a natureza do jornalismo, identifica como “paradoxos” da vida regular (GENRO FILHO, 1996), isto é, interrupções inesperadas e impoderáveis nas rotinas da vida diária cujas tensões só podem ser explicadas e atenuadas pela informação, cujo principal atributo não é necessariamente o dado objetivo de que seu núcleo se forma, mas a narrativa que conduz ao reequilíbrio da regularidade aparentemente perdida no impacto que provoca na sensibilidade do indivíduo.

Nessa linha de análise, tudo se passa como se a existência se desenvolvesse nas margens de um *main frame* intermitentemente acossado pela ciclotimia e desvios do dia. A vida cotidiana, nesse sentido, está longe de ser traduzida em calma rotina – como supõe o senso comum – mas em ambivalência sistemática e tensionada no interior da qual a comunicação consoma um outro papel: o de ser eventualmente o agente principal de

manutenção da irregularidade como um dos elementos de vínculo entre o que ela (a comunicação) faz e a expectativa que a audiência tem de que ela (a comunicação) faça isso mesmo.

Há uma diversidade de estudos bastante interessante sobre as várias possibilidades de que isso ocorra em outras formas de práticas culturais além dos processos comunicacionais. Franco Moretti, por exemplo, ao analisar a literatura inglesa no século XIX, desenvolve uma argumentação que nos deixa próximos do jornalismo, mas do outro lado da rua e em sentido inverso. Diz ele:

A teoria narrativa tem uma tese muito simples e elegante (...): uma história merece ser contada se uma norma foi violada (uma norma moral ou probabilística, ou as duas coisas juntas), se apresenta um “fato inaudito”, com dizia Goethe (MORETTI, 2009, p. 829).

Na literatura do período estudado por Moretti – o período da consolidação da vida burguesa na Inglaterra e na Alemanha – o fato “inaudito” cede lugar rapidamente à narrativa daquilo que é regular e que aparenta ser assim na cotidianidade. Para o autor, trata-se de um “fardo que afinal não se pode deixar de lado (...) mas que é removido o mais rápido possível para deixar espaço à narração propriamente dita” (MORETTI, 2009). Portanto, é a referência ao cotidiano do público o que orienta a narrativa com a remoção do paradoxo – ou com o seu afastamento das percepções sensíveis do dia-a-dia.

No jornalismo é diferente (para ficarmos no campo exemplificado com Motta e Genro Filho): a narrativa desconsidera o rotineiro e a regularidade, pois que ambos escapam aos critérios de noticiabilidade com os quais a atividade trabalha, e opera justamente com os da irregularidade representados pelos caracteres do inesperado, do implausível, do “inauditismo”. Na literatura, o irregular sai do primeiro plano; no jornalismo é o irregular que ganha a cena, que ganha a evidência da narrativa. Não teria mesmo sentido se, diante de um desastre qualquer, desses que alimentam dias a fio as manchetes dos jornais, as narrativas dos repórteres se ocupassem dos elementos secundários do contexto e apenas de forma acessória das informações mais consequentes com o impacto do fato; da mesma forma, na literatura, não tem muito sentido que o acontecimento que escapa à estrutura básica da história traga para si toda a força da narrativa: isso não a sustentaria.

A discussão está em saber de onde se origina esse impulso que oferece ao texto jornalístico – ainda para ancorar esta reflexão num conjunto fenomênico de dados – essas marcas que o caracterizam como um gênero específico na história das narrativas e em suas

relações com o cotidiano¹. A hipótese com a qual trabalhamos é a de que o gênero não cria os padrões da sua audiência mas é formatado por ela. Ou seja: a reverência (dito assim mesmo: reverência) que o jornalismo presta aos fatos noticiosos (aqueles onde a densidade do paradoxo é maior) decorre de uma demanda dos padrões culturais do público conformados pelas características da modernidade tardia, isto é, o sentido inconstante da existência, o caráter efêmero das coisas da vida, dos pactos, de todo o universo sensível das estruturas de sentimentos e muito mais... valores construídos paulatinamente nesta etapa da História pelo descentramento do indivíduo na esfera de sua autonomia, pelo caráter inconstante das estabilidades institucionais, pela fragilidade das referências ideológicas e por todo o conjunto de traços com os quais diversos autores definem esta etapa da cultura contemporânea.

Se os exemplos citados são os do jornalismo e são recorrentes, isso não diminui o fato de que é todo o universo da comunicação que parece ser definido por essas características. Wellington Pereira (2007) oferece uma interessante análise sobre a abrangência das relações que apontamos aqui. Em primeiro lugar, recorre a Michel Maffesoli para dizer isso:

... o cotidiano não é um conceito que se pode mais ou menos utilizar na área intelectual. É um estilo no sentido [...] de algo mais abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto. De tudo o que foi dito, deve-se lembrar que o estilo pode ser considerado, *stricto sensu*, uma encarnação ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em sua, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura (MAFFESOLI apud PEREIRA, 2007)

Em segundo lugar, certamente em decorrência das conclusões nas quais ancora sua interpretação, afirma que o cotidiano não pode ser pensado de forma positivista, que ele chama de “armadilha”, no refrão “o estilo é o homem”, mas como uma relação social (...): riquezas estéticas traduzidas nos ritmos, nas imagens e na fala” (PEREIRA, 2007), em suma, uma perspectiva abrangente que inclui as percepções incorporadas socialmente, elemento que nos permite caminhar em direção a outros universos comunicacionais além do jornalismo. Mais do que isso, no entanto, é essa precedência analítica apontada nas dimensões simbólicas do cotidiano como estruturantes do universo comunicacional que nos parece dar sustentação à análise desenvolvida até aqui.

¹ A discussão proposta aqui reproduz, ainda que sob perspectiva diferente, o núcleo do projeto de tese de doutorado de Marcos Paulo da Silva (*Os valores-notícia como construções culturais: noticiabilidade, representação simbólica e ordenamento do cotidiano*) em desenvolvimento sob minha orientação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

Essa ida em direção a outros universos comunicacionais encontra dois tipos de registro. Um deles, na área da propaganda comercial; outro, no território de uma radicalização do cotidiano que o transforma em referência quase obrigatória nos estudos de sociologia da cultura. No primeiro caso, tomamos um exemplo de pesquisa empírica desenvolvida por Elisa Reinhardt Piedras na PUC-RS em tese de doutorado sobre anúncios voltados para o público feminino através de estudo de caso realizado em 2007. A autora trabalha com conceitos oriundos de reflexões que vão se tornando dominantes no tratamento do assunto, mas aponta dados essenciais na compreensão do fenômeno:

Não temos dúvida de que o desencanto com a racionalidade objetiva da técnica, do industrialismo, do tempo linear, dos resultados do mercado e de sua unidimensionalidade (neoliberalismo), dos metadiscursos totalizantes e fechados, abriu horizontes de interpretação do real e da vida (existência) sob formas muito pouco abordadas pela razão uniformizadora do racionalismo da modernidade. No entanto, a esfera da heterogeneidade, da interculturalidade, da desconstrução, do dissenso, do plural e do subjetivo, já faziam parte, como contradição, do próprio movimento modernista (...). (TEDESCO, 1999, apud PIEDRAS, 2007).

Ou seja, as referências do público só são compreendidas no âmbito das transformações sentidas também no processo de criação durante toda a construção do que chamamos de modernidade tardia, razão que nos leva a acreditar que o impacto das mudanças decorrentes de sua intensidade é mesmo um epifenômeno cujas linhas de abrangência vão além de seu sentido aplicado e utilitário, mas se incorporam na perspectiva com que os profissionais da comunicação encaram o desafio de informar. Nessa medida, os impasses que o cotidiano cria na reformulação da imagem do mundo tradicional, com a introdução das variáveis que aceleram o tempo, a perspectiva e os costumes, acabam sendo incorporados na sensibilidade desses “dois mundos”: o da emissão e o da recepção.

Piedras vai além em seu esforço para dar fundamento conceitual àquilo que percebeu na pesquisa empírica feita para a sua tese. Diz ela que o cotidiano é um

espaço de reinvenção subjetiva de algumas objetivações, operada geralmente de modo simbólico e não-lógico, com base no senso comum e na experiência e, logo, no coletivo social. O cotidiano como lugar de um imaginário que é vetor de comunhão social. Para Maffesoli (...) ‘o imaginário partilhado é a matéria subterrânea das coisas que assegura a coerência secreta do natural e do cultural, do espaço social e do sentimento estético’ (PIEDRAS, 2007)

Ora, se é desse jeito – e de acordo com os dados colhidos pela autora o processo de representação do mundo construído pelas mulheres objeto de sua pesquisa é assim que a relação sensível com as mensagens se dá –, então tem fundamento a hipótese segundo a qual

a eficácia comunicativa das mensagens só acontece no terreno comum e partilhado da “matéria subterrânea das coisas”. Trata-se de uma espécie de “fundo arcaico”, uma remissão a esse painel de complexidades contemporâneas que se ergue sobre as camadas sucessivas e sequentes das práticas culturais (SÁ MARQUES, s/d).

O outro registro é o de Michel de Certeau, aqui talvez no limite da radicalidade de que é constituída a massa aparentemente disforme dos fatos com os quais a sensibilidade se manifesta e interfere na construção do cotidiano, ainda que durante muito tempo tudo isso teve quase nenhuma importância para a Sociologia.

Primeiro: Certeau nos adverte de que nada é por acaso; nada é apenas circunstancial ou fortuito, embora ele não caia na tentação – como poderia supor sua formação religiosa – de recorrer à Metafísica para explicar a causa última de todos os processos e de todas as manifestações da vida. Somos astutos por nós mesmos, pelos mecanismos de sobrevivência que usamos para driblar as adversidades do poder, seja ele o simbólico ou o concreto que nos assoberba a vida como uma sombra. Com isso, reinterpretemos o mundo, inventamos o cotidiano a partir do aguçamento da sensibilidade que se transforma em território movido de gestos, palavras, posturas subjetivas, a recusa ao hegemônico. Nessa leitura de Certeau, o cotidiano reinventado é a desfaçatez e o atrevimento (SOUSA FILHO, 2002).

Essas manifestações não se dão de forma aleatória; são, ao contrário, construídas em torno de experiências incorporadas no contato com o real e – mais uma vez – na sensibilidade que esse mesmo real desperta ou estimula. Os exemplos disso podem ser variados e eventualmente despropositados nos limites deste ensaio, mas é suficiente a memória dos anos 70 no Brasil como um testemunho das inúmeras alternativas “indisciplinadas” que se confrontaram com o autoritarismo e em torno das quais criou-se uma complexa teia de releituras do quadro político. Nos anos mais recentes, restaurada a democracia, a sistemática irreverência ao estado normativo do paradigma “Você S.A.”, essa face insensível das relações de competição e desempenho da sociabilidade moderna.

É a respeito desse cenário que Sousa Filho diz:

Que são as “astúcias”, a arte da “trampolinagem” senão versões do “estranho” ao sistema? Mas “estranho” que nenhum homem ignora, seja na versão da experiência mística (da possessão, do êxtase, da bruxaria), seja na loucura, seja nos pequenos atos transgressivos anônimos. Se, quando trata das minúsculas situações da vida cotidiana, a atenção do autor se volta para o “homem sem qualidades” (Musil), o homem comum, ordinário, talvez seja porque o ato “estranho” da transgressão é, por esse homem, praticado sem pudor – condições da vida lhe obrigam. (SOUSA FILHO, 2002, p. 2)

Segundo: o mesmo Certeau está com os olhos postos, como se pode deduzir, “não

[nos] produtos culturais como [os] oferecidos no mercado dos bens, mas pelas maneiras diferentes de ‘marcar socialmente a distância’ adotadas pelos consumidores nos atos de consumir” (SOUSA FILHO, 2002), o que funciona como uma indicação de que a habitualidade do dia-a-dia também se constitui em espaço de construção do contra-hegemônico desorganizado e pouco alicerçado em bases ideológicas sistematizadas, mas em busca de referência de um outro estatuto orgânico – eventualmente mais significativo no plano das relações pessoais, na interpretação dos produtos da cultura de massa, na sensibilidade – como é bom reiterar – inspirada coletivamente.

3 Considerações finais

As narrativas, se é verdade que justificam sua existência pela propriedade de recriação da realidade através das histórias que contam sobre ela, guardam vínculos com essa diversidade complexa de manifestações da vida cotidiana. Saber quais são esses vínculos e de que maneira eles são construídos no interior das próprias narrativas é um desafio metodológico para o qual este artigo pretende oferecer alguns indicativos. O primeiro deles volta-se para o objeto do nosso estudo e para a tentativa de decifrá-lo numa característica que tem forte importância para o seu entendimento: a narrativa é híbrida, isto é, o ato aparentemente prosaico de contar histórias, de comunicar, tem mesmo uma dimensão positiva e funcional que identificamos nos elementos mais próximos da sua objetividade informativa. Ao mesmo tempo, no entanto, esse ato é carregado de elementos discursivos que se constituem num vínculo com ingredientes que operam no âmbito das mediações culturais instituídas pelo cotidiano.

O segundo indicativo fala mais de perto sobre a esfera do cotidiano. Estamos lidando com os modos de vida de todos os dias, carregados de significações que se colocam um pouco além da materialidade com que se manifestam na sua aparência. São traçados do imaginário e de construções míticas diante das quais as narrativas incorporam parte importante do vínculo que permite à sua audiência a compreensão da história narrada. Ela só é eficaz, como entendemos, se localizar esse núcleo sistematicamente reiterado nas práticas cotidianas.

Apresenta-se aqui, portanto, um universo fragmentário, dispersivo, às vezes disfarçado nas manifestações do senso comum; na essência, no entanto, acreditamos que prevalece o entendimento de Berger e Luckmann segundo o qual a “vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de

sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER E LUCKMANN, 1983). As narrativas articulam essa coerência de sentidos mas na medida em que guardam sintonia com essa percepção do público.

No final das contas, estamos lidando com apelos ao sensível nas suas conformações históricas e culturais. Até onde somos capazes de perceber, esse é um dos elementos primordiais do processo da comunicação.

Referências

- BERGER, P & LUCKMANN, T. (1983). **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1983
- GEERTZ, C. (1989). **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GENRO FILHO, A. (1996). **O segredo da pirâmide**. In: Revista da Fenaj. Brasília: Fenaj, ano I, n. 1, maio de 1996.
- HELLER, A. (2008). **O cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- MORETTI, F. (2009). O século sério. In: **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- MOTTA, L. G. (2002). Para uma antropologia da notícia. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, volume XXV, n. 2, julho/dezembro de 2002.
- PEREIRA, W. (2007). A comunicação e a cultura no cotidiano. In: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 32, abril de 2007.
- PIEDRAS, E. R. (2007). Publicidade, imaginário e consumo: anúncios no cotidiano feminino (tese de doutorado sob a orientação de Juremir Machado Silva). Porto Alegre: PUC-RS, 2007.
- SÁ MARQUES, Ester de (s/d). Comunidade, identidade e cultura popular. (<http://www.adiaspora.com/port/educa/trabalho/estercomunidade.htm>), s/d.
- SOUSA FILHO, A. (2002). Fundamentos de uma sociologia do cotidiano. **Sociabilidades** (USP), São Paulo, v. 2, 2002.

To the surface: hybrid narratives and everyday communication

Abstract

The everyday experience of space is a grasp of reality and is based upon the configuration of the mythical universe and stereotyped the individual elements which are built with their perceptions of the world. This article seeks to show how cultural patterns of late modernity is establishing a set that conforms to sensuous existence and gives it at the same time, elements of instrumental rationality with which the social being read and interpret his surroundings. The focus is supported by the hypothesis that this perspective is reproduced from its own immediacy - an immanent logic responsible for supervising and guiding their conduct. The practices of communication are

therefore instruments builders of this universe in a hybrid approach: the information and the repetition of this cultural process.

Keywords

Narratives, everyday existence, communication.

En la flor de la piel: las narrativas híbridas vida cotidiana y la comunicación

Resumen

La experiencia cotidiana es un espacio de la comprensión de la realidad y se basa en la configuración del universo mítico y dos elementos individuales se construyen estereotipos con los de sus percepciones del mundo. Este artículo trata de mostrar cómo los patrones culturales de la modernidad tardía son el conjunto que se establece y que se ajusta a la sensualidad y a la existencia e se dan en el mismo tiempo, elementos de la racionalidad instrumental con la que el ser social le e interpreta su entorno. El enfoque se apoya en la hipótesis de que esta perspectiva se reproduce a partir de su inmediaticidad propia - una lógica inmanente responsable de supervisar y orientar su conducta. Las prácticas de comunicación son constructoras de instrumentos de este universo en un enfoque híbrido: la información y la repetición de este proceso cultural.

Palabras-clave

Narrativas, cotidiano, comunicacion.

Recebido em 17/10/2011

Aceito em 23/11/2011